



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



**Lives na pandemia:
rumores sobre a produção de equívocos em narrativas autônomas¹**

Evandro José Medeiros LAIA²
Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais

Resumo

A partir de rumores colhidos durante a pandemia, proponho alguns marcadores para formular a hipótese de que a transmissão livestreaming avança do lugar de um discurso de representação para um lugar de produção de narrativas autônomas. Para isso, retomo a discussão sobre livestreaming, que remonta a Junho de 2013, no Brasil, a partir de pesquisa anterior, e apresento a comunicação pelo equívoco como uma abordagem possível para avançar em um mapeamento. O objetivo é marcar o ponto de partida para uma pesquisa extensa, uma cartografia das produções de narrativas autônomas em lives da pandemia.

Palavras-chave

Livestreaming; Narrativas Autônomas; Equívoco

Introdução

As transmissões audiovisuais ao vivo pela internet, por aplicativos, redes sociais e sites, conhecidas popularmente como lives, tornaram-se muito comuns durante o isolamento social imposto pela pandemia do novo Coronavírus, no Brasil, a partir de março de 2020. Das 10 transmissões ao vivo mais assistidas em todo o mundo no ano, todas foram apresentações musicais, oito produzidas por músicos brasileiros (MATA, 2021). As buscas por conteúdo ao vivo cresceram 4.900% no Brasil na quarentena. Nos meses de março e abril de 2020, 3,5 bilhões de minutos de conteúdo ao vivo foram produzidos pela plataforma, por dia. Ou seja, se este tipo de emissão já vinha se constituindo como um produto, a lógica da pandemia acelerou a sedimentação de um gênero audiovisual produzido das mais diversas formas.

Na construção de uma caminho para pensar a produção de lives na pandemia, retomamos os estudos sobre transmissão ao vivo, marca fundamental da linguagem audiovisual, como primeiro gênero televisual (MACHADO, 2000), cuja realização exigia, até pouco tempo atrás, a disponibilidades de aparelhos e serviço técnico

¹ Trabalho apresentado no GT 3 – Comunicação em tempos de crise e interface tecnológica, no III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação e no V Encontro de Comunicação de Parintins, Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022.

² Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, co-fundador do Observatório jornalismo(S) (youtube.com/jornalismsos), membro da rede de pesquisa Atopos (USP). E-mail: evandro.medeiros@ufop.edu.br.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



especializado que inviabilizava uma operação fora dos circuitos dos veículos de comunicação de massa. Em alguns casos, cantoras e cantores populares tiveram o suporte de uma equipe técnica e de uma estrutura grande para realizar lives durante a pandemia, o que inclusive instalou uma série de dúvidas com relação ao fato de que muitos não obedeceram às orientações da Organização Mundial da Saúde para evitar aglomerações³. Mas, de fato, para a maioria dos outros atores que produziram material ao vivo neste período, a lógica colaborativa, da produção caseira, deu o tom. Usamos aqui o nome auto-comunicação de massa, a partir do conceito proposto por Manuel Castells (2013), para definir este tipo de produção, que nos interessa como pesquisa.

Este artigo retoma observações feitas entre 2014 e 2015, entre midiativistas, nas manifestações contra a realização da Copa do Mundo, no Rio de Janeiro, em 2014, e nos protestos do movimento Black Lives Matter, em Nova Iorque (LAIA, 2022), na esteira das "redes de indignação e esperança" (CASTELLS, 2013), que conectaram telefones celulares para a produção de narrativas autônomas, ou seja, que furam o bloqueio da grande imprensa, para produzir evidência de abusos de poder e violação de Direitos Humanos. O movimento teve início na Primavera Árabe, ainda em 2010, e ganhou força a partir das experiências das ocupações d'Os Indignados, na Espanha, do Occupy Wall Street, nos Estados Unidos e das manifestações de Junho de 2013, no Brasil.

Entendemos que este tipo de produção instaurou controvérsias de um tipo muito específico, que chamamos de *equivocos*, a partir da definição de Eduardo Viveiros de Castro (2015), a partir da observação do modelo xamânico de tradução dos povos originários do Brasil. O que nos interessa é, partindo da experiência do uso da ferramenta *livestreaming*, no contexto pós-Junho de 2013, desenhar uma hipótese para o tipo de apropriação que vem sendo feita agora, com a produção de outros *equivocos*, a partir da instalação de novos atores nessa rede. Para isso, retomamos rumores (PRECIOSA, 2010) colhidos em lives, leituras e observações sobre o uso das ferramentas *livestreaming* disponíveis, indicadores que apontam para uma reconfiguração atual do ecossistema midiático.

A controvérsia *livestreaming*

A transmissão ao vivo de produções audiovisuais pela internet, procedimento conhecido como *livestreaming*, remonta a junho de 2010, quando manifestantes usaram telefones celulares conectados em rede, ao vivo, na manifestação contra o governo ditatorial do Egito, na Praça Tahrir, no Cairo. O episódio deu origem ao que ficou conhecido como Primavera Árabe, movimento que chegou à Europa logo depois, com o 15M, na Espanha, passando pelos Estados Unidos, com o Occupy Wall Street, até chegar ao Brasil, durante as manifestações de junho de 2013. O objetivo em comum era

³ Uma exceção foi a primeira live realizada pela cantora sertaneja Marília Mendonça, de chinelos e bermuda, na sala de sua casa, cantando sozinha, sobre uma base pré-gravada das músicas. Até hoje esta é considerada a live transmitida pela plataforma Youtube com maior número de acessos simultâneos no mundo: 3,31 milhões de visualizações, ao mesmo tempo (MATA, 2021).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



usar uma ferramenta acessível, por meio de redes sociais e softwares de acesso gratuito, para criar um tipo autônomo de comunicação, fora do eixo da grande mídia.

Em todas estas experiências registrou-se o que Manuel Castells (2013, p.86) chamou de “revolução rizomática”, em referência ao conceito de Deleuze e Guattari. Os movimentos sem liderança definida conseguiram furar o bloqueio da imprensa tradicional e mostrar-se de modo direto, pela internet, sem os mediadores tradicionais da imprensa estabelecida. Para explicar este fenômeno, a "auto-comunicação de massa", ele transcreveu parte da entrevista que fez com o psicólogo e pesquisador de tecnopolítica, Javier Toret, um dos participantes do 15-M:

A capacidade de auto-comunicação de massa e de auto-organização on-line permitiu que as pessoas superassem o bloqueio da mídia. (...) O que isso mostra é um tipo de movimento pós-mídia. É pós-mídia porque há uma reapropriação tecnopolítica das ferramentas, tecnologias e veículos de participação hoje existentes. É onde as pessoas hoje estão. (...) A mídia inicialmente ignorou o movimento, mas, quando todas as praças da Espanha estavam cheias de gente, eles não tiveram escolha senão explicar o que estava ocorrendo... (CASTELLS, 2013, p.94-95).

Tanto no Occupy quanto em outros movimentos posteriores, os *streamers* transmitiam as decisões coletivas em tempo real, mas também acompanhavam as ações policiais, registrando eventuais abusos e violências, a partir de vídeos gravados, mas especialmente usando aplicativos que transmitiam imagens e sons sincronizados ao vivo.

Um elemento fundamental, no que se refere a proteger o movimento da violência foi a ampla prática de fazer reportagens em vídeo, adotada por centenas de pessoas brandindo seus celulares a cada manifestação. A mídia tradicional só mostrava o que seus editores queriam, mas o movimento apresentava tudo sobre si mesmo postando na internet todas as ações que tinha lugar nos confrontos (CASTELLS, 2013, p.148).

No Brasil, a Mídia Ninja, grupo em atuação ainda hoje, surgiu como parte do Circuito Fora do Eixo, que produziu festivais de música independente, com verba captada por meio de leis de incentivo. Em Junho de 2013, o trabalho do grupo funcionou como um tipo de vigilância, proteção para os manifestantes. As transmissões eram feitas, via de regra, com o uso de um aparelho de telefone celular, com uma conta pós-paga, com acesso à internet. A organização de trabalho foi inspirada por experiências coletivas anteriores, ganhou notoriedade e estimulou a formação de novos grupos que teceram uma rede colaborativa de produção de conteúdo sobre violação de direitos, produzindo discursos autônomos que não passavam pelo filtro do grandes veículos de comunicação, mas os agendava, a partir da produção de evidências.

Entendemos aqui os atores envolvidos nesta trama como parte de uma rede sociotécnica, na concepção de Bruno Latour (1994), a partir da Teoria Ator-Rede (TAR), abordagem teórica que na qual a ideia de natureza e de cultura, como zonas ontologicamente separadas, não funciona quando aplicada ao objeto. Um conceito, como o de meio de comunicação, por exemplo, seria, nesta perspectiva, uma rede



III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022



sociotécnica, formada por uma conjunção entre humanos e não humanos, incluindo aí toda relação com a parafernália técnica que agencia a produção de discursos sobre o mundo. "Na comunicação, a mediação, longe de ser neutra, está inserida na materialidade dos dispositivos, na constituição do seu *design*, no desdobramento das redes que dão apoio" (LEMOS, 2013, p.22). Assim, a narrativa produzida a partir da relação centralizada dos atores dos meios de comunicação de massa é bem diferente do que é construída de modo descentralizado por um grupo de ativistas conectados em rede por meio do telefone celular.

Para defender a TAR como uma Teoria da Comunicação, André Lemos (2013) a descreve como uma "sociologia da mobilidade", que busca identificar a associação entre atores, mediadores ou intermediários, e a circulação de agência pela rede, que inclui humanos e não humano de uma maneira ontologicamente plana, entendendo as estabilizações que daí surgem como caixas pretas, configurações temporárias que se desfazem com o surgimento de novas controvérsias. Para esta reflexão, consideramos que a entrada dos objetos que tornam possível a produção autônoma de narrativas mexeu com a ecossistema midiático, instaurando controvérsias que rearticularam o monopólio da fala⁴ a partir da possibilidade de produção de auto-comunicação de massa com dispositivos digitais, em rede, num modelo de comunicação ponto-a-ponto: sem um centro, colaborativo, sem distinção clara entre produtor e consumidor. Este tipo de ação foi marcante em todos estes movimentos e abriu espaço para um tipo de ativismo que nasceu a partir destas experiências, alterando o fluxo de questões importantes, para além das históricas prioridades institucionais do Estado e do agendamento tradicional dos veículos de comunicação.

Na prática, o *livestreaming* parece ter cumprido, parcialmente e com muitas ressalvas, um objetivo relevante imaginado por Umberto Eco (1971, p.189-190 *apud* Machado, 2000, p.137) para a transmissão ao vivo:

Nada profbe imaginar a ocorrência de várias circunstâncias históricas em que a transmissão direta possa tornar-se um meio de educação para exercícios mais livres de sensibilidade, para aventuras associativas repletas de descoberta e, portanto, para uma diferente dimensão psicológica e cultural.

Para Eco, a transmissão ao vivo está alinhada às formas contemporâneas de arte que trazem o acaso e o improviso para dentro da obra. Arlindo Machado (2000) retoma esta abordagem quando advoga pela definição da transmissão ao vivo como a experiência fundamental da linguagem da televisão e avança no sentido de defender o tempo presente como espaço no qual o pensamento opera em pleno calor dos acontecimentos, em contraposição às críticas à transmissão ao vivo. O autor se pergunta como esta técnica pode ser nociva aos olhos dos intelectuais, e, ao mesmo tempo, tão perigosa aos olhos das autoridades, dos censores e dos guardiões das mídias. Para ele, por três motivos principais: o fato de que é difícil ter controle sobre o que acontece

⁴ Muniz Sodré (1977) considera o monopólio da fala uma espécie de regime comunicacional da televisão no livro paradigmático para os Estudos em Comunicação brasileiros, escrito na década de 1970. Falar a partir do lugar da televisão seria um ato unilateral, um monólogo, definido a partir da exclusão das diferenças individuais impulsionada pelo consumo, que encontra na TV um lugar de reverberação.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



neste tipo de emissão; a censura ao vivo é possível, porém, mais explícita, o que pode causar reações; e o fato de que autoridades preferem o conforto do material pré-gravado.

Para reforçar seu ponto de vista, Machado (2000) cita esperançosamente dois casos, em contraposição um ao outro. O primeiro é da votação da Emenda Constitucional para Eleições Diretas, na Câmara dos Deputados, em 1984, com pouca cobertura da imprensa e sem transmissão ao vivo: o direito ao voto foi negado e os brasileiros tiveram que esperar até 1989 para votar. O segundo exemplo é a votação do impeachment do presidente Fernando Collor, na mesma Câmara, em 1992, transmitida ao vivo, que definiu a perda do mandato e dos direitos políticos de um presidente, pela primeira vez na história do país. É preciso lembrar aqui o fato de que Machado fez esta comparação em um livro cuja primeira edição foi lançada no ano 2000, ou seja, muito antes da experiência do segundo *impeachment* de uma presidenta brasileira, Dilma Rousseff, em 2016, em um processo acompanhado de perto por midiativistas, que expuseram as inconsistências da proposta. Ainda assim ela perdeu seu mandato depois de um sessão de votação, mais uma vez, na mesma Câmara dos Deputados, marcada por sucessivas situações de quebra de decoro parlamentar por parte de diversos deputados votantes, transmitidas ao vivo, e que não resultaram em punições posteriores⁵. A sessão também foi transmitida, em *livestreaming*, pelo canal do Youtube da TV Senado e registrou um recorde de audiência que só foi quebrado em 2021 (MAIA, 2021).

Este novo recorde de audiência, mais recente, é resultado da transmissão das sessões da CPI da Covid, que teve início em março de 2021. Até julho de 2021, o *streaming* do canal ao vivo, com toda sua programação e as sessões da casa, atraiu em média 586 mil visualizações por dia, um aumento de 20% em relação aos números de 2020, quando o número de acessos já havia subido (MAIA, 2021). Não entram nesta conta os acessos indiretos, ou seja, os acessos via sinal das emissoras comerciais, especialmente os canais de notícias que, por vezes, apenas retransmitiram o sinal da TV Senado, especialmente durante os depoimentos mais polêmicos. Não é possível medir o impacto disso em relação à opinião pública, de modo direto, portanto não dá pra saber numericamente se a audiência da TV Câmara movimentou "redes de indignação e de esperança", para usar novamente o termo-título de Castells (2013). Mas é possível, sim, tomar de empréstimo a abordagem de Machado (2000, p.129), quando este afirma que

a reflexão do telespectador, por se dar ao vivo, ou seja, num processo que ainda está em andamento, pode tomar a forma de ação política e, em alguns (mas não poucos) casos, resultar em mobilização. A transmissão ao vivo não faz a guerra chegar às nossas casa *trop tard*, como afirma Virilio, mas em condições tais de atualidade que torna ainda possível a intervenção.

Isso porque, ao contrário de uma certa ideia platônica do pensamento como um essência, como digressão intelectual, a transmissão ao vivo requer um pensamento vivo em ação, "aliás, o único pensamento possível, pois o contrário é mera erudição, enclausurada em bibliotecas e academias e voltada apenas para a sua própria preservação" (MACHADO, 2000, p.131). Antes da televisão, apenas as artes

⁵ Sobre o Golpe de 2016, consultei o documentário *O processo* (2018), da diretora Maria Ramos.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



performáticas eram ao vivo. Nos meios de comunicação, tudo era uma recordação, ou seja, um registro de coisas que aconteceram em outro tempo. A transmissão ao vivo inaugurou a fruição do tempo presente, assim como, a conexão de dispositivos em rede tornou possível, na segunda década do século XXI, disponibilizar ferramentas digitais que ampliam o acesso à produção de narrativas em tempo presente. Um paradoxo se instala a partir de então: os mesmos meios que impõem, sem negociação, um novo regime de controle a partir da tecnovigilância e dos algoritmos, constituem um modelo de comunicação ponto a ponto, afrouxando a hierarquia de produção e distribuição da informação vigente no modelo de comunicação de massa, precipitando *equivocos*, no sentido que aplicamos ao termo neste texto.

A comunicação pelo equívoco

A controvérsia instalada pelo telefone celular na rede-jornalismo produziu o que chamamos em uma pesquisa anterior de *comunicação pelo equívoco* (MEDEIROS, 2022), a partir de Eduardo Viveiros de Castro (2004), que propõe trazer as contribuições do pensamento ameríndio para a teoria antropológica, ao lembrar que a comparação é a base do trabalho de um etnógrafo, que faz paralelos entre a sua própria vivência e a observação de outras redes, para criar analogias. Porém, em uma relação etnográfica, os dois entes desse processo comunicativo quase nunca dividem o mesmo ponto de vista, a mesma perspectiva. Como na relação entre humanos e não humanos comuns, corriqueiras, na vida da floresta.

Penso no tipo de mito em que, por exemplo, o protagonista humano se perde no meio da floresta e chega a uma aldeia estranha. Lá os habitantes convidam-no a beber e se refrescar com uma cabaça de “cerveja de mandioca”, que ele aceita com entusiasmo e, para sua surpresa horrorizada, o anfitrião colocou ele na frente uma cabaça cheia de sangue humano (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 9, tradução nossa).

Depois de ser capturado por outro ponto de vista, o humano passa a ver os animais como pares, como humanos também. É no momento de tomar a bebida que o humano percebe o engano, o que o interlocutor chama de cerveja de mandioca, na verdade, para ele, é sangue. O que humano vê como sangue, o jaguar vê como cerveja de mandioca, ou seja, alimento, na perspectiva humana. O mesmo nome, em realidades distintas, serve para designar coisas diferentes. A maneira como o outro vê a coisa não é um erro em si, mas um *equivoco*. Aí está o fundamento da comunicação no contexto ameríndio, mas não apenas. Para Viveiros de Castro (2004, p.12), a equivocidade é superobjetificada no caso extremo das relações interétnicas e interculturais, mas apresenta-se, ao cabo, como condição-limite para toda relação social. É por isso que tomamos o *equivoco* como horizonte para uma comunicação possível e desejável justamente porque abriga a diferença radical, sem reduzi-la sistematicamente. "O perspectivismo indígena é a teoria da equivocação ou seja, da alteridade referencial entre conceitos homônimos. *A equivocação aparece aqui como o modo de comunicação por excelência entre diferentes posições perspectivas*" (grifo meu) (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.5).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Não é o entendimento, mas sim a incompreensão que marca o processo comunicativo, precipitando um tipo de comunicação pela diferença, que chamamos aqui de *comunicação pelo equívoco*. O *equívoco* seria a condição primeira de toda e qualquer relação social, portanto, de todo ato comunicativo, não apenas no contexto dos povos originários, mas em todo lugar, visto que não é necessário estar longe para habitar um mundo diferente: há vários mundos no mesmo espaço geográfico, e muitos deles não conversam entre si, não falam a mesma língua, o que é bastante compreensível. O problema é quando a tradução entre estes mundos é feita de modo funcional, sem equivocidade: alguma “língua” é privilegiada, ao passo que um ou alguns modos de existir são deslegitimados.

É a partir desta premissa que entendemos que a entrada de novos atores no ecossistema midiático produziu relações que traduziram de um modo mais equivocado mundos que habitualmente vinham sendo traduzidos de modo bastante reducionista. Isso desestabilizou o monopólio da fala, rearticulando a produção de narrativas em todos os pontos, entre todos os atores. Sendo assim, as controvérsias que nos interessam, neste caso, são de um tipo muito específico: os *equívocos* produzidos. No jornalismo engendrado nessa nova ecologia midiática, especialmente, jornalistas perderam a primazia do fato e isso acabou trazendo toda uma reconfiguração ainda em curso e me parece, constante a partir de então, produzindo o que chamei de *jornalismo em equívoco* (MEDEIROS, 2022). Neste contexto, percebemos a produção autônoma de narrativas sobre grupos que não acessam os meios de produção e estavam fora do agendamento costumeiramente produzido pela imprensa.

Cito dois exemplos emblemáticos. O caso de Eric Garner, um homem negro, vendedor de cigarros contrabandeado, morto em Nova Iorque por um policial branco, durante uma abordagem na qual ele foi imobilizado com um golpe de "mata-leão", em junho de 2014. Garner gritou por 11 vezes que não conseguia respirar⁶, mas não foi ouvido pelo policial. O homem teve um ataque cardíaco e morreu alguns minutos depois, ainda na calçada. Toda a ação foi registrada por uma testemunha e o caso ganhou repercussão internacional depois de uma série de manifestações do movimento Black Lives Matter, em várias cidades dos Estados Unidos. Ainda assim o policial foi absolvido (MEDEIROS, 2022).

No Brasil, há muitos casos em que a violação de direitos de populações historicamente oprimidas foi registrada a partir de um aparelho de telefone celular. É neste tipo de ação que se insere o segundo exemplo que trago aqui: o caso de Cláudia Silva Ferreira, mulher negra, empregada doméstica, morta por um tiro disparado por uma policial militar durante uma abordagem na comunidade em que ela vivia, no Rio de Janeiro, em março de 2014 (VÍDEO, 2021). Ela foi colocada no porta-malas da viatura para ser levada ao hospital, onde já chegou sem vida. Durante o percurso, o porta-malas do carro se abriu e seu corpo ficou preso ao veículo pela roupa. Arrastado por 350 metros, parte dele foi dilacerado em decorrência disso. O caso ganhou as manchetes porque uma parte deste percurso foi registrada, com um telefone celular, por uma pessoa que seguia de carro logo atrás. A história teve repercussão internacional. Os

⁶ "I can't breathe", em inglês.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



policiais envolvidos na ação foram identificados, houve protestos no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil, mas, ainda assim, o responsável ainda não foi punido.

Os dispositivos móveis, com destaque para o telefone celular, foram fundamentais neste processo, naquele momento, a partir dos vídeos produzidos de maneira autônoma e fora do agendamento midiático tradicional. Como construir conhecimento a partir disso? Nós escolhemos, naquele momento, cartografar a atuação de repórteres de televisão e de midiativistas, mapeando as controvérsias em formação. Cartografando estas controvérsias chegamos aos *equivocos*. Aqui, propomos construir um percurso que, de fato, privilegia o pensamento como espaço de invenção, afirmando que este seria um lugar de criação de outros mundos, lugar de "arrancar da realidade não o seu estoque de provisões, mas seu estojo de possíveis", como advoga Rosane Preciosa (2010, p.49) no seu livro *Rumores discretos da subjetividade*.

Preciosa retoma o curta-metragem Carlos Nader (1998), do autor homônimo, no qual um sujeito (o próprio diretor-personagem) anuncia para a câmera que vai nos revelar a sua identidade. E no momento em que ele vai começar a fazer isso, a tela é invadida por uma profusão de imagens e depoimentos de pessoas e lugares o mais diversos possíveis. O que presenciamos é que o dentro só existe em confabulação com o fora. De acordo com Preciosa (2010, p.36), "trata-se de alguém em empenhada transformação. Alguém aceso." É a partir do que nos acende, do que nos deixou atentos durante o ano de 2020, que desenhamos hipóteses a partir de certos rumores discretos sobre as lives na pandemia. Entendemos estes rumores, organizados no próximo item, a partir de duas provocações, como indicadores que apontam para desestabilizações, reconfigurações a partir da entrada e da saída de atores de uma rede sociotécnica.

Do #vemprarua ao #fiqueemcasa

Duas provocações me acenderam sobre o uso midiativista da ferramenta *live streaming* durante a pandemia. A professora e pesquisadora Ivana Bentes (2020) nos deixou acesos, pela primeira vez, com a possibilidade de pensar as transformações no ecossistema midiático entre junho de 2013 e junho de 2020, justamente numa conversa em uma live, em julho de 2020. Ela retomou toda a sua trajetória de pesquisa e ativismo junto à Mídia Ninja, quando observou que os fluxos sociais passaram a funcionar do mesmo modo que as redes digitais, num processo de produção de informação e conhecimento descentralizado. Neste sentido, para ela, o que aconteceu em 2020, durante a pandemia, foi a radicalização deste disso.

A minha casa é meu estúdio de televisão, minha casa é o meu laboratório, a minha casa é a nova fábrica, minha casa é a minha nova universidade. Não que eu queira que a gente fique confinado nas nossas casas, não é isso que eu tô falando, mas é uma potencialidade também incrível de articulação. E aí a gente vê que é possível fazer uma live, conversar na minha cozinha, ou com cabelo que não seja aquele cabelo com aquela roupa. (BENTES, 2020)

É dela o termo "do vem pra rua para o fique em casa", referindo-se a possibilidade de se fazer um mapeamento do uso midiativista da ferramenta live



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



streaming entre junho de 2013, quando a hashtag #vemprarua ganhou força, e junho de 2020, quando a hashtag #fiqueemcasa marcava as atividades propostas remotamente, para manter o isolamento social em consequência da emergência sanitária causada pela disseminação do novo Coronavírus. "É muito paradoxal, faz até sentido demais e é até assustador quando a gente pensa nessa trajetória e também nessa reviravolta de 360 graus" (BENTES, 2020), alertou a pesquisadora, de modo polissêmico, chamando a atenção tanto para a inversão de sentido da rua para casa, quanto para a virada conservadora que marcou a política institucional como desdobramento dos protestos de Junho de 2013. Também alertamos, em 2020, sobre este giro que extrapola o campo da pesquisa comunicacional e abarca o nosso próprio modo de existência.

O rebote veio algum tempo depois: o retorno das ditaduras em países árabes, o Brexit (a saída da Grã-Bretanha da União Europeia e a ameaça ao bloco europeu), a eleição de Donald Trump e a ascensão da extrema direita no Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente. Junho de 2013, nos parece, de fato, um mês que já dura sete anos. (MEDEIROS & LINHALIS, 2021, p.348)

Esta observação abre espaço para uma anotação importante: não temos a intenção de fazer aqui um balanço positivo ou negativo sobre o legado das manifestações de Junho de 2013 projetado em Junho de 2020, o que decerto seria um trabalho extenso. O nosso interesse é o fato de que, sete anos depois das jornadas de junho, a transmissão *livestreaming* tornou-se algo comum e ganhou características de negócio durante o isolamento social imposto pela pandemia do novo Coronavírus, no Brasil, a partir de meados de março de 2020. Neste período, o domínio das ferramentas para transmissão, por parte de ativistas, tornou-se corriqueiro, comum, e ajudou os movimentos a criar experiências de crítica e invenção de alternativas aos discursos produzidos nos veículos de comunicação, realizando, de fato, a auto-comunicação de massa (CASTELLS, 2013).

Antes de seguir nesta toada, abrimos um parêntese aqui para mais uma vez lembramos que estas mesmas ferramentas tornaram possível a emergência, também, inicialmente, de movimentos da direita, que passaram a emular estratégias de comunicação desenvolvidas no caldeirão de 2013 até meados de 2016, no Brasil, quando instalou-se o golpe legislativo-jurídico contra a presidenta Dilma Rousseff, via *impeachment*. Porém, a força de iniciativas como o Movimento Brasil Livre (MBL), que usaram estratégias de comunicação pelas redes sociais e de transmissões ao vivo pelo Facebook, por exemplo, estava muito mais localizada na comunicação de massa, com a constante presença de membros como fontes de reportagens em telejornais e com a transmissão ao vivo, em mídia mainstream, de manifestações organizadas pelo MBL (FERREIRA e ALMEIDA, 2021). O passo seguinte, não só no Brasil, foi a emergência dos discursos da extrema-direita negacionista. Por aqui, as iniciativas convergiram para a eleição do presidente Jair Bolsonaro, em 2018, cuja campanha trabalhou, desde o primeiro momento criando discursos autônomos, fora do agendamento midiático.

Vale a pena citar também o modo como o presidente da república tem usado as transmissões ao vivo, pela sua página no Facebook, para se comunicar diretamente com seus apoiadores, em lives semanais, sempre nas noites de quinta-feira. Por diversas



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



vezes Bolsonaro usou o espaço como veículo de pronunciamento, com a participação de políticos aliados, secretários e até ministros de estado. A repórter Sabrina Freire (2021) apurou o número de 120 lives realizadas pelo presidente, desde sua posse, em 1º de janeiro de 2019, até 31 de dezembro de 2020, com a participação de 104 pessoas. Paradoxalmente, aqui, a nosso ver, poderia ser acionada a ideia de auto-comunicação de massa (CASTELLS, 2013), visto que há um furo do bloqueio da mídia a partir da produção de uma narrativa autônoma, impulsionada pela transmissão audiovisual ao vivo pela internet.

Para nos mantermos no recorte temporal da pandemia, foram 70 lives realizadas no ano de 2020, com 62 convidados. Reforçando a ideia do uso institucional de uma ferramenta *livestreaming*, numa rede pessoal, o terceiro convidado que mais participou das lives neste ano foi o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, cuja presença tornou-se mais frequente a partir de março, quando passou a esclarecer dúvidas sobre a concessão do auxílio emergencial pago durante a pandemia de Covid-19. Ainda de acordo com o levantamento, o assunto mais presente em 2020 foi o negacionismo em relação à pandemia.

Nas transmissões, Bolsonaro costuma falar em um tom mais informal e comemorar resultados positivos da área econômica, além de comentar medidas anunciadas pelo governo naquela semana. Também rebate reportagens críticas a ele ou ao seu governo e faz ataques à esquerda. Em 2020, o presidente também usou seu tempo ao vivo para criticar as medidas restritivas estabelecidas pelos governos dos Estados para evitar a propagação do coronavírus. Em outras vezes, aproveitou também para defender o uso de medicamentos no tratamento da covid-19, mesmo sem a eficácia comprovada, como a hidroxicloroquina. (FREIRE, 2021)

Este é um assunto sobre o qual muitos pesquisadores têm se debruçado. Para o que propomos aqui, nos interessa notar como a emergência de discursos da extrema-direita negacionista aparece como uma resposta à desestabilização instalada na rede sociotécnica a partir da experiência do midiativismo pós-Junho de 2013.

A partir deste ponto, uma conversa com o jornalista Paulo Victor Melo (2021), pesquisador e ativista da Associação Intervezes, me acendeu, pela segunda vez, sobre este assunto, quando lembrou, também em uma live, que a transformação de lá para cá está justamente no perfil das pessoas que se apropriam destas ferramentas. Em sua reflexão, ele chama a atenção para o fato de que a produção transmissão *livestreaming* avança para um lugar de produção autônoma de discurso em contextos historicamente invisibilizados. Para Paulo, o que possibilitou a visibilização da comunicação de grupos que estavam fora da agenda pública midiática é que “o Brasil foi obrigado a olhar para todos os Brasis” (MELO, 2021). Ele usa 3 exemplos de situações-limite que se passaram na Região Norte do país, historicamente invisibilizada no noticiário, entre 2020 e 2021: 1) o apagão no Amapá, que deixou 13 dos 16 municípios do estado sem energia elétrica por 21 dias, em novembro de 2020; 2) o colapso da saúde em Manaus, em janeiro de 2021, quando, numa convergência entre a falta de medidas efetivas de isolamento social e a negligência do Ministério da Saúde causaram um surto de Covid-19 no estado ao mesmo tempo em que não havia oxigênio suficiente para atender os



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



paciente e 3).as cheias históricas no Acre, que atingiram mais de 13 mil pessoas, em fevereiro de 2021. Todas estas situações foram ostensivamente cobertas pelos veículos de comunicação de massa depois que ganharam repercussão na internet.

O que mudou de lá pra cá foi a necessidade que o Brasil teve de olhar pra si próprio. E essas experiências de comunicação, eu sempre as analiso como um ato de sobrevivência. Não é pela tecnologia, até porque estes grupos não têm a tecnologia digital de modo tão acessível. Mas pela necessidade de se comunicar, num cenário de omissão do estado brasileiro. (MELO, 2021)

Retomando a Teoria Ator-Rede, lembramos que a configuração de uma rede sociotécnica é temporária, instável, e pode ruir com a instalação de controvérsias. Em pesquisa anterior, durante as manifestações em virtude da realização da Copa do Mundo no Brasil, chamamos a atenção, a partir da observação da atuação de midiativistas no campo das narrativas jornalísticas, a associação produzida entre uma corporação de imprensa, um editor, uma sala de reuniões, um jornalista com sua formação profissional, acoplado com um cinegrafista, uma câmera, um motorista é bem diferente de uma associação produzida para transmissões ao vivo, no calor da manifestações.

Com a entrada do telefone celular e toda rede em torno deste quase objeto, o que temos são pessoas geralmente bem mais jovens que os informantes jornalistas (Matt Hoppard [midiativista novaiorquino, fonte de pesquisa de campo anterior] me lembrou que a maioria dos streamers têm menos de 30 anos), que não estão submetidos a um editor, a uma corporação. Os objetos técnicos que agenciam as suas ações são diferentes dos que agenciavam o jornalismo: notebook, celular, capacete de proteção. Essa rede vai produzir uma temporalidade e uma espacialidade bem diferentes. (MEDEIROS, 2022, p.131)

Assim também, o que precipita a partir das configurações possíveis em 2020 é diferente do que emergiu em 2013, já que os atores humanos e não humanos envolvidos não são exatamente os mesmos. Sobre os atores humanos, na conversa com Paulo Victor Melo (2021), a percepção então foi a de que mulheres e homens envolvidos na produção *livestreaming* durante a pandemia são mais velhos que os jovens midiativistas de Junho de 2013. Assim, a partir desta informação e de nossa pesquisa anterior, nos parece que uma mudança importante, substancial, é a idade dos produtores. Em 2013 e na esteira das jornadas de Junho, até os protestos contra realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, os ativistas conhecidos como *streamers* eram jovens, com menos de 30 anos, classe média, brancos, em atividades majoritariamente desenvolvidas em grandes centros urbanos.

A controvérsia pandemia movimentou a rede audiovisual, fazendo emergir também vozes que só fazem sentido quando ligadas aos seus territórios, ou, nas palavras de Ailton Krenak (2019, p.21), "aqueles que ficam meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade". O próprio Ailton Krenak é uma das vozes emergentes neste período, em lives. Falando diretamente do território Krenak, no leste de Minas, às margens do Watu, o avô de sua gente, que nós brancos chamamos de Rio Doce, o pensador indígena mobilizou ideias e



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



ações participando de entrevistas, conferências, palestras, mesas-redonda em todo o Brasil e fora também com as suas “Ideias para adiar a fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Em uma pesquisa rápida, feita através do buscador Google⁷, na seção vídeos, com as palavras “Live com Aílton Krenak”, encontramos cerca de 26.600 resultados. Para não nos alongarmos muito, nos debruçamos sobre as duas primeiras páginas, ou seja, sobre os primeiros 30 itens. Destes, 24 são de transmissões ao vivo, duas delas de transmissões de eventos presenciais pré-pandemia, todo o restante de transmissões de lives, a maioria delas, 15, durante o ano de 2020. A característica das lives também dá uma noção dos espaços nos quais reverberam as ideias do líder indígena. Oito são de debates, com outros pensadores (acadêmicos ou não) e artistas como Emicida e Gilberto Gil (10/12/2020), o físico Marcelo Gleiser (17/04/2020 e 15/09/2020) ou o jornalista e ambientalista André Trigueiro (06/05/2020). Oito são bate papo dos mais diversos, desde encontros com empreendedores na construção de ecovilas (29/04/2020), passando pela família Matizes Dumont, conhecida pelos bordados de cenas da vida campestre, até conversas com outros autores como o neurofísico Sidarta Ribeiro (24/05/2020), em lançamentos de livros e eventos promovidos por editoras. Quatro lives são de eventos realizados por universidades e duas são jornalísticas.

O exemplo de Aílton Krenak foi escolhido pela facilidade para encontrar resultados com os termos de pesquisa propostos. Porém, há que se entender que, embora até pouquíssimo tempo muitos de nós sequer havíamos ouvido falar de sua militância, Krenak tem uma história de luta, inclusive como deputado federal que participou da redação da Constituição de 1988. Por isso, é preciso ir além do rumores, como nos instigou Paulo Vitor Melo (2021), ao lembrar que

Os antes considerados invisíveis, tratados como os ninguéns, como nos fala o Galeano, aqueles que custam menos que a bala que os mata, eles agora tiveram visibilidade. Só que, na verdade, estes antes invisíveis, eles sempre produziram comunicação, sempre experimentaram, construíram seus discursos, narrativas. A questão é que sempre faltou um espaço para que esta produção tivesse um eco, que ela pudesse chegar ao conjunto do país. (MELO, 2021)

De fato, houve uma profusão de bate-papos, cursos, palestras, encontros, conversas envolvendo algumas gentes que já produziam com frequência uma comunicação própria, como no caso de movimentos de periferias urbanas (que aprenderam muito com as jornadas de Junho de 2013), mas também, e neste ponto reside talvez a novidade, outros grupos ainda majoritariamente traduzidos midiaticamente, no que diz respeito à produção discursiva: indígenas, quilombolas, ribeirinhos, atingidos por conflitos socioambientais, todos conectados em lives produzidas por terceiros, quase sempre, pelo que percebemos numa pesquisa no Youtube e no Facebook.

⁷ Busca feita no dia 10/01/2022. Para acessar diretamente os resultados, o link é o:
https://www.google.com/search?q=lives+com+ailton+krenak&tbm=vid&ei=D8LcYbCCJ_Dd1sQP4amj0AU&start=0&sa=N&ved=2ahUKewjwxYyBrKj1AhXwrpUCHeHUCFo4ChDy0wN6BAgBEFQ&biw=1364&bih=697&dpr=1.



Alguns pontos importantes

A partir do que foi exposto, pretendo avançar num mapeamento inicial de um fenômeno em andamento a partir dos seguintes marcadores, fruto da reflexão apresentada nas páginas de artigo:

- 1) as ferramentas *livestreaming*, a partir de experimentações que remontam às “redes de indignação e esperança”, tornaram possível a emergência de vozes que furaram o bloqueio da mídia, com a produção de vídeo como prova contra violação de direitos, mas também com a produção de narrativas autônomas sobre grupos, territórios, pessoas invisibilizados nos discursos midiáticos tradicionais;
- 2) o termo *narrativas autônomas* é entendido aqui como um guarda-chuva que abarca uma infinidade de relatos diversos, unidos pela ideia de que foram produzidos para visibilizar situações e temas que não passam, ou não passavam, até então, pelo agendamento midiático;
- 3) estes temas, não necessariamente, passam pela defesa de Direitos Humanos e dos Direitos Fundamentais, visto que estas estratégias de comunicação foram apropriadas pelos mais diferentes grupos sociais e políticos, o que expressa a complexidade da *rede sociotécnica* em questão;
- 4) porém, a necessidade do uso de ferramentas para viabilizar encontros remotos, a partir do isolamento social imposto pela *pandemia* do novo Coronavírus, acelerou o processo de produção de narrativa autônomas por pessoas e grupos “meio esquecidos pelas bordas do planeta”, em defesa de direitos;
- 5) ao trazer para o ecossistema midiático vozes até então alijadas do processo de construção de discursos coletivos, o uso das ferramentas *livestreaming* precipita *equivocos* a partir do encontro de diferentes perspectivas.

A pesquisa deve continuar levando em conta, como recorte temporal, o período do início da pandemia, em 18 de março de 2020, até o dia 31 de dezembro deste mesmo ano, com o objetivo de observar a produção dos primeiros meses da pandemia, quando o consumo de vídeos streaming teve um salto sem precedentes em todo o mundo, em função do isolamento social.

Este é um trabalho em processo, portanto, o que apresento aqui é um ajuntamento de ideias, percepções iniciais sobre o problema, rumores sobre o que chamei aqui de *produção de narrativas autônomas em livestreaming na pandemia*. Porém, é preciso lembrar que esta mirada não acontece sem um lastro anterior de pesquisa em produção de narrativas autônomas em *livestreaming* desde Junho de 2013. Portanto, em muitos sentidos, esta é a continuidade de um percurso histórico, mas também pessoal. A hipótese inicial é que, a partir da controvérsia pandemia, produziu-se um tipo de comunicação equivocada justamente porque composta de uma multiplicidade de traduções autônomas e não mais discursos representativos sobre a diferença, majoritariamente. O ponto aqui é abordar uma questão em específico: o modo



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



como, sete anos depois de junho de 2013, as lives tornam possível que sujeitos e grupos produzam narrativas autônomas sobre suas próprias vivências durante a pandemia, a partir de um conjunto de instrumentos disponíveis.

Referências bibliográficas

BENTES, Ivana. Jornalismo possíveis, mundos possíveis. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções**, Youtube, episódio 6, julho 2020. Disponível em: <youtube.com/jornalismos>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FERREIRA, Maria Alice Silveira; ALMEIDA, Helga do Nascimento. Protestos contra e a favor do impeachment de 2016 no Facebook: uma análise das páginas do MBL e Frente Brasil Popular. In: **Simbiótica**, v. 8, n. 2, 2021, p. 157–186. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/36383>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FREIRE, Sabrina. Bolsonaro fez 70 lives em 2020; Jorge Seif e Gilson Machado participaram mais. In: **Poder 360**. 01 jan. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-fez-70-lives-em-2020-jorge-seif-e-gilson-machado-participaram-mais/>. Acesso em 22 dez. 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. Ed. Senac: São Paulo, 2000.

MAIA, Mateus. Lives da CPI da Covid monopolizam audiência do Senado no Youtube. In: **Poder 360**. 11 maio 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/lives-da-cpi-da-covid-monopolizam-audiencia-do-senado-no-youtube/>. Acesso em 22 dez. 2021.

MEDEIROS, Evandro. **O jornalismo em equívoco: sobre o telefone celular e a invenção diferenciante**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022.

MATA, Jhonatan. A vida virou uma live: reflexões sobre o conceito de amadorismo e transmissão ao vivo a partir das lives musicais num contexto de pandemia. In: ROCHA, Adriano Medeiros da; LAIA, Evandro José Medeiros (Org.). **audiovisual revolucionário**. São Paulo: Editora dos Frades, 2021, pp. 367-400.

MEDEIROS, Evandro; LINHALIS, Lara. O intempestivo na televisão: miudezas e torções na cobertura de protestos entre junhos. In: ROCHA, Adriano Medeiros da; LAIA, Evandro José Medeiros (Org.). **audiovisual revolucionário**. São Paulo: Editora dos Frades, 2021, pp. 341-366.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



MELO, Paulo Victor; VARELLA, Laura. Comunicação como Direito, vídeo como prova. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções - Gambiarras**, Youtube, episódio 3, abril 2021. Disponível em: <youtube.com/jornalismos>. Acesso em: 20 dez. 2021.

PROCESSO, O. Direção de Maria Ramos. Rio de Janeiro: Nofoco Filmes, 2018. (137 min.)

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**: sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2010.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1977.

VÍDEO como prova jurídica para defesa dos Direitos Humanos no Brasil.

Witness/ARTIGO19. Relatório. Sem data. Disponível em: <https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/78b9b578-453f-4889-9e8e-44a384bc6226/77a73bec-c99d-412f-8617-925055bb36e5.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. In: **Tipiti, Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, vol. 2, 2004. Disponível em: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1>>. Acesso em: 20 maio 2020.